

ARQUIVOLOGIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO

Armando Malheiro da Silva *

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

I GÊNESE E EVOLUÇÃO

Quase dez anos após o primeiro passo visível de uma caminhada sem fim à vista, aproveito a oportunidade para recordar algumas premissas teóricas lançadas, e sua evolução.

Importa, rapidamente, mostrar o que permanece e o que mudou e, assim, se poderá compreender melhor a abordagem do tema proposto.

Aproveito também para uma advertência: o investimento, que venho fazendo numa epistemologia aplicada à área da Informação/ Documentação, não segue um cânone erudito-especulativo, mas um cânone utilitarista, ou

seja, visa “tentar arrumar a casa” buscando consistência e coerência científicas para a área. Assumo, assim, uma lúcida confiança na cientificidade, em especial no campo das Ciências Sociais Aplicadas, balizada por um natural anti-positivismo ou essencialismo e por um anti-relativismo ou pragmatismo. Designo esta posição como um neo-cientismo crítico.

Pelos quadros abaixo (1 e 2) poderá ver-se como nasceu e se foi desenvolvendo uma trajetória de reflexões e de análises tendentes a repensar a teoria e a prática de disciplinas essencialmente instrumentais ou operativas, como são, de facto, a Arquivística, a Biblioteconomia e a Documentação:

1999	<p><i>Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação</i>. Vol. 1. Porto: Edições Afrontamento. Autores: Armando Malheiro da Silva; Fernanda Ribeiro; Júlio Ramos; e Manuel Luís Real</p> <p><i>Observação</i>: ainda não saiu o vol 2.</p> <p><u>Estrutura do livro</u>: Cap. 1 A Informação (1. Evolução de um conceito; e 2. As Ciências da Informação). Cap. 2 Para uma Epistemologia da Arquivística: Perspectiva Diacrónica (1. A Prática das Civilizações Pré-Clássicas; 2. A Prática Grega e Romana; 3. A Prática Medieval e Moderna; e 4. A Prática Contemporânea e a Arquivística como Disciplina). Cap. 3 Uma Ciência da Informação (1. A Mudança de Paradigma; 2. O Objecto; 3. O Método; e 4. A Terminologia)</p> <p><u>Observações</u>: Recenseamento e análise das práticas antes e depois surgimento da Arquivística. <i>Objecto construído numa perspectiva sistémica</i>: Arquivo = sistema (semi)fechado de informação social materializada em qualquer tipo de suporte, configurado por dois factores essenciais - a natureza orgânica (estrutura) e a natureza funcional (serviço/uso) - a que se associa um terceiro - a memória -imbricado nos anteriores. Método - o Quadripolar (P. Bruyne, 1974) Arquivística - uma Ciência da Informação social, que estuda os arquivos (sistemas de informação (semi-fechados), quer na sua estruturação interna e na sua dinâmica própria, quer na interacção com os outros sistemas correlativos que coexistem no contexto envolvente. (p. 214)</p>
------	---

Quadro I: Nascimento e trajetória: Arquivística, Biblioteconomia e Documentação (1)

2002	<p><i>Das “Ciências” Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular.</i> Porto: Edições Afrontamento. Autores: Armando Malheiro da Silva; e Fernanda Ribeiro.</p> <p><u>Estrutura da obra:</u> Cap. 1 Noções Fundamentais (1. Antes e depois do documento... A informação; 2 A Informação social - uma definição paradigmática; e 3 As propriedades intrínsecas da informação). Cap. 2 Gênese e Problematização (1. Origens e evolução de um “projecto” de ciência(s?). Cap. 3 Das (Re)Construção Científica (1. Uma perspectiva unitária e sistémica; 2. Objecto e método; 2.1 Teorias e modelos; 3. Esboço de um esquema de I&D). Cap. 4 Implicações Formativas e Profissionais (1. Os modelos de formação precedentes; 1.1 O caso português; 2. Um modelo formativo inter e transdisciplinar; e 3. Que profissional da Informação podemos formar?). Anexo: Licenciatura em Ciência da Informação (ministrada conjuntamente pelas Faculdades de Letras e de Engenharia da Universidade do Porto - plano de estudos antes da reforma Bolonha).</p> <p><u>Observação:</u> Elaboração da obra entre 1999 e 2002, através de reuniões com um grupo de docentes das Univ. Porto, Coimbra, Lisboa e Minho</p> <p>Começou, em 2001, na Universidade do Porto, a Licenciatura em Ciência da Informação (FLUP+FEUP)</p> <p>O objectivo central, deste trabalho, consistiu em aprofundar a proposta epistemológica desenhada no vol. 1 de Arquivística e fundamentar um novo modelo formativo que passasse pela Graduação e Pós-Graduação em Informação e Documentação, em Portugal, após um longo período de formação profissionalizante (1935-1981).</p>
------	---

Quadro 2: Nascimento e trajectória: Arquivística, Biblioteconomia e Documentação (2)

O objectivo traçado e perseguido levou a uma opção clara pela transdisciplinaridade (ainda que possa ser mal percebida e até rejeitada do ponto de vista profissional), o que significa admitir que as afinidades práticas e teóricas entre a Arquivística, a Biblioteconomia e a Documentação, tornam inevitável e, especialmente, na Era da Informação em que vivemos, uma dinâmica transdisciplinar geradora de uma metamorfose disciplinar, ou seja, a concretização da Ciência da Informação definida, nos EUA, em 1961-62 e por Harold Borko em famoso artigo publicado no ano de 1968.

Inspirada nessas definições bastante ambiciosas, mas que, afinal, não determinaram minimamente a linha de especialização profissionalizante que a evolução da CI foi tendo até hoje, sobretudo, nos países de influência anglo-americana, foi proposta, em 2002, uma definição operatória que continua em uso e é central na nossa proposta: informação é um conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada.

(SILVA; RIBEIRO, 2002, 37). Foram, também, apresentadas seis propriedades para a Informação: estruturação pela acção (humana e social); integração dinâmica; pregnância; quantificação; reprodutividade; e transmissibilidade (SILVA; RIBEIRO, 2002, 42).

Foi, entretanto, aperfeiçoado o Método Quadripolar sobretudo nos pólos teórico (com formulação de teorias e modelos) e técnico (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 85-91). A formulação dos dois paradigmas não surge ainda no pólo epistemológico, mas não tardou a surgir. É rejeitada a concepção de interdisciplina para a C.I., em favor da aposta na transdisciplinaridade e de uma dinâmica interdisciplinar, no campo mais largo das Ciências Sociais e com disciplinas de outros campos.

Houve, também, a preocupação de fazer um mapeamento organizador e classificador dos temas e problemas de pesquisa: uma dimensão interna (com linhas de investigação fundamental - substantiva e eclética; e linhas de investigação aplicacional - teórico-problemática e casuístico-dispersiva) e uma dimensão externa em que cabem os estudos comparativos e em parceria (SILVA; RIBEIRO, 2002, p.122-128).

Na definição em uso de informação foram feitas, entretanto, duas ligeiras modificações: acrescentou-se o adjetivo **emocionais** a seguir a mentais, e símbolos significantes foram substituídos por **signos e símbolos**

Tem vindo a ser vincada uma distinção, já clara no livro de 2002, entre

pesquisa científica e senso comum, embora reconhecendo-se que este é fundamental para o desenvolvimento daquela e não pode haver clivagem entre os dois níveis. Distinção entre ciência e profissão.

Os aperfeiçoamentos referidos aparecem condensados num terceiro livro:

2006	<p><i>A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico</i>. Porto: Edições Afrontamento. Autor: Armando Malheiro da Silva.</p> <p><u>Estrutura do livro</u>: 1. Informação e Cultura; 2. Informação e Documento; 3. Informação e Conhecimento; 4. Informação e Comunicação. Entrevista feita na Academia Brasileira de Letras por três arquivistas, em 27 de Abril de 2007 e extraída do nº 1 de <i>Arquivística.net</i>. Terminologia essencial (cerca de oitenta verbetes disponíveis no DeltCI - Dicionário Eletrónico de Terminologia em Ciência da Informação http://www.ccje.ufes.br/dci/deltci/index.htm)</p> <p><u>Observação</u>: Trata-se de um livro feito por reunião de trabalhos sucessivos, mas articulados pela forte ideia de consolidar uma proposta epistemológica e permitir a sua compreensão e debate. O DeltCI (baseado na Terminologia Essencial) é um produto da cooperação FLUP, com uma Universidade Federal brasileira, e precisa ser aumentado, melhorado e vertido em inglês. Algumas alterações mais formais que substanciais: alterou-se o diagrama do campo da C.I.; ênfase na ideia de que o objecto, ou campo de estudo da C.I., é uma construção que recorta e radica num fenómeno humano e social que designamos por info-comunicacional; e o documento (seja de que tipo for) é um epifenómeno através do qual interpelamos a produção informacional e o processo comunicacional.</p>
------	---

Quadro 3 – A construção do objecto científico

No livro *Arquivística*, o processo informacional relacionado com Arquivo surge diagrafado em três fases: a sincrética, a custodial e a pós-custodial. Se incorporarmos esse *insight* na noção de paradigma (Thomas Khun), ousamos dizer que a formação profissional e académica/científica, na área da documentação/informação, evidencia dois grandes paradigmas: um ainda vigente e outro emergente.

Entre, genericamente, 1789 e 1945 foi gerado e consolidou-se um paradigma custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista, cujos traços são:

- Sobrevalorização da custódia ou guarda, conservação e restauro do suporte, como função basilar da actividade profissional de arquivistas e bibliotecários; (museólogos também);
- Identificação do serviço/missão custodial e público de Arquivo e de Biblioteca, com a preservação da cultura “erudita”

ou “superior” (as artes, as letras, a ciência) de um Povo em antinomia, mais ou menos explícita com a cultura popular, “de massas” e os “produtos de entretenimento”;

- Ênfase da memória como fonte legitimadora do Estado-Nação (sob a égide de ideologias de pendor nacionalista) e, mais tarde, do Estado Cultural, apostado no reforço identitário da respectiva comunidade de cidadãos;
- Importância crescente do acesso ao “conteúdo”, através de instrumentos de pesquisa (guias, inventários e catálogos), dos documentos percebidos como objectos/coisas patrimonializadas, permanecendo, porém, mais forte o valor patrimonial do documento que o imperativo informacional (+ acesso);
- Prevalência da divisão e assunção profissional decorrente da criação e desenvolvimento dos serviços/instituições Arquivo e Biblioteca, indutora de um

arraigado e instintivo espírito corporativo que fomenta a confusão entre profissão e ciência (persiste a ideia equívoca que a profissão de arquivista ou de bibliotecário gerou, naturalmente, disciplinas científicas autónomas).

A partir de 1945, adensaram-se as condições políticas, sociais, económicas, tecnológicas que possibilitaram a génese de um paradigma emergente, directamente associado à Era da Informação e ao impacto global das TIC, em curso. Um paradigma pós-custodial, informacional, e tecno-científico, que dá forma e impulsiona a dinâmica transdisciplinar da C.I. que propomos e estamos a desenvolver no Universidade do Porto, com os seguintes traços essenciais:

- Valorização da informação enquanto fenómeno humano e social, sendo a materialização num suporte um epifenómeno (ou derivado informacional);
- Constatação do incessante e natural dinamismo informacional oposto ao “imobilismo” documental, traduzindo-se aquele no trinómio criação-selecção natural-acesso/uso e, o segundo, na antinomia efémero-permanente;
- Prioridade máxima concedida ao acesso à informação por todos, mediante condições específicas e totalmente definidas e transparentes, pois só o acesso público justifica e legitima a custódia e a preservação;
- Imperativo de indagar, compreender e explicitar (conhecer) a informação social, através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes, em vez do universo rudimentar e fechado da prática empírica, composta por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente “assépticos” ou neutros de criação, classificação, ordenação e recuperação.

É no interior deste paradigma emergente que irá acontecendo, não sem contradições e resistências várias, a alteração do ainda dominante quadro teórico-funcional da actividade disciplinar e profissional, para uma

postura diferente, sintonizada com o universo dinâmico das Ciências Sociais e empenhada na compreensão do social e do cultural, com óbvias implicações nos modelos formativos dos futuros profissionais da informação.

2 ARQUIVOS, GESTÃO DOCUMENTAL E GESTÃO DA INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO...

Dentro do paradigma custodial, patrimonialista e tecnicista, o Arquivo tornou-se uma noção polissémica e equívoca. Na Modernidade nasceu o Arquivo instituição pública de onde derivou o uso como *serviço orgânico* em instituições activas. E em 1841 a instrução do Inspector-Geral Natalis de Wally despoletou outro sentido designado, também, por Fundo e identificado como conjunto orgânico de documentos. O Arquivo Público (histórico), de matriz francesa, consubstanciado no modelo dos Arquivos Nacionais com representação no Conselho Internacional de Arquivos desde 1950. distingue-se do *Public Records Office*, que incorpora a prática anglo-americana do records management, que teve no Manual dos Holandeses (1898) o seu “manifesto” original. Pela linha do *records* percebe-se não ter havido uma ruptura com a estrutura e a lógica de produções administrativas anteriores, apenas uma natural evolução. Já a Revolução Francesa, ao contrario, colocou a tónica no corte com o passado e a prática institucional e legislativa subsequente fomentaram a oposição contranatura entre Arquivo Público (histórico) e Arquivo Administrativo (corrente). Gerou-se uma antinomia artificial e um impasse que começou a ser enfrentado, ainda com “emendas piores que o soneto”, na década de cinquenta do séc. XX, através da pretensa “teoria das 3 idades” e o esforço prosseguiu com a ênfase nos princípios de valores (primário e secundário) para avaliação e, já na década de 80, com a Arquivística Integrada canadense.

A Gestão dos Documentos ou Documental é uma adaptação europeia (continental) do *records management* e é, afinal, uma reacção tardia e “oportunista” bem acolhida por entidades internacionais como o Conselho Internacional de Arquivos (CIA) (ligado à UNESCO) do movimento que irradiou a partir das empresas

e de organismos bem geridos da Administração Pública sob o impacto poderoso da informática e da aplicação às Organizações dos sistemas de informação – este movimento consubstancia-se no conceito assaz banalizado e equívoco de Gestão da Informação.

Dentro do paradigma custodial, patrimonialista e tecnicista, os conceitos elencados atrás e as práticas respectivas padecem de uma fragmentação e de uma vacuidade teórica graves e isto ajuda a explicar, por exemplo, por que a Arquivística custodial e Gestão de Informação (das Organizações) orbitam em esferas diferentes e opostas, promovendo perfis profissionais distintos e alegadamente incompatíveis. É um facto, aliás, que na abundante literatura sobre Gestão de Conhecimento o Arquivo (tanto o custodial, como a documentação administrativa) é ignorado.

3 UMA VISÃO INTEGRADORA

Na *Era da Informação* (CASTELLS, 2002) está a emergir e a ganhar força o paradigma pós-custodial, informacional e científico. À luz deste paradigma, organicidade não é sinónimo de discurso jurídico-administrativo e Arquivo deve cingir-se APENAS a duas acepções ou sentidos: (1) instituição pública e cultural do séc XIX e o serviço criado organicamente numa qualquer entidade estatal ou privada; e (2) sistema semi-fechado de informação produzida/recebida por uma entidade activa (ou desactivada), no decurso da sua actividade em cumprimento dos seus objectivos gerais e específicos.

Não se deve, também, confundir Sistema de Informação com Serviço de Informação e os sistemas informáticos integram o Sistema de Informação (Activa e Permanente - SIAP).

A Arquivística tende, naturalmente, a ser um ramo aplicado da C.I. que incide sobre a produção, organização, fluxo, recuperação e uso, armazenamento e preservação da informação de diferentes tipos (e não apenas a jurídico-administrativa) feita e recebida por Organizações públicas e privadas. O cariz aplicacional/arquivístico da C.I. ajusta-se bem à teoria sistémica e mais precisamente ao Modelo Sistémico de Informação Activa e Permanente (SIAP), destinado a resolver a equação da máxima eficácia e da máxima rapidez na criação/recepção, uso e reprodução da informação organizacional,

integrando as normas ISO, sujeitando-as, porém, a um controlo de verificabilidade científica.

A C.I., baseada na dinâmica transdisciplinar de disciplinas práticas e profissionais como a Arquivística, é uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno info-comunicacional, perceptível e cognoscível através da confirmação, ou não, das propriedades inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação). No campo de estudo da C.I. é, pois, possível identificar três grandes áreas:

- Produção/gestão da informação;
- Organização e representação (instrumentos de pesquisa e metadados);
- Comportamento Informacional (necessidades, práticas de acesso e uso da informação nos mais diversos contextos).

A área da produção tem directamente a ver com *organicidade* (toda a Informação é orgânica) e *memória orgânica*, com *contexto* e *meio ambiente*.

A expressão Gestão da Informação tem a ver com o ciclo de operações e actos que vão, numa Organização/Empresa, da produção ao uso para tomada de decisões inteligentes. Na perspectiva da C.I. integradora que propomos, **Gestão da Informação** compreende uma vasta problemática ligada à produção da informação (do meio ambiente à estrutura produtora, a operacionalização e utilidade da memória orgânica, os actores, os objectivos, as estratégias e os ajustamentos à mudança) em contexto orgânico institucional e informal.

E Gestão de Conhecimento? Expressão posta em uso por economistas e gestores e por informáticos, algo simplista e equívoca. Ela tem muito a ver com o capital intelectual dos recursos humanos e no modo como as Empresas podem aproveitá-lo para se tornarem mais competitivas. Em C.I. toda a informação ou conhecimento explícito, existente em qualquer contexto, tem de ser levado em conta e estudado, mas é necessário ter em conta outra coisa, estranha ao campo da C.I., que são os mecanismos psicológicos da cognição, emoção e motivação existentes na mente das pessoas.

